

Festival de performance e Artes da Terra

Escrita na Paisagem 2010

Christine Zurbach

1. **Título: *À transparência***. Encenação: Joana Craveiro (dir.). Co-criação, escrita e interpretação: Margarida Alegria, Kalinde Braga, Henrique Calado, Tânia Dias, Rubi Girão, Ana Lopes, Cláudia Miriam, Daniel Moutinho, Diana Pires, Cristina Rodrigues, Marcília Rodrigues, Joana Velez, Theo Zachmann, do 3º Ano do curso de Teatro da Universidade de Évora. Iluminação: Paulo Ramos, Joana Craveiro. Produção: Escrita na Paisagem. Local e data de apresentação: Antiga Fábrica dos Leões, Universidade de Évora, 2 e 3 de Julho 2010.

2. **Título: *Ópera dos cinco €***. Autor: Regina Guimarães. Encenação e cenografia: Igor Gandra. Luz: TdF e Gil Rovisco. Figurinos: Diana Regal. Movimento: Carla Veloso. Marionetas: Júlio Alves. Direção de Montagem: Virgínia Moreira. Interpretação: António Oliveira, Igor Gandra, José Pedro Ferraz, Julieta Rodrigues, Rodrigo Malvar e Rosário Costa; participação especial de Carlota e Matilde. Produção: Teatro de Ferro. Co-produção: Teatro de Ferro, Teatro do Frio, Radar 360, Festival Escrita na Paisagem, FIMP – Festival Internacional de Marionetas do Porto e Teatro Nacional São João. Local e data de apresentação: Jardim do Chão das Canas (frente ao Teatro Garcia de Resende), Évora, 7 e 8 de Julho de 2010.

3. **Título: *A comissão***. Autor: Ana Vitorino e Carlos Costa. Direção: Ana Vitorino e Carlos Costa. Colaboração na Dramaturgia: Nuno Casimiro. Banda sonora original e sonoplastia: João Martins. Figurinos e adereços: Inês de Carvalho. Luz: José Carlos Gomes. Infografismo e audiovisuais: João Martins / entropiadesign. Interpretação: Ana Vitorino, Carlos Costa, Pedro Carreira e ainda Joana Neto e Luís Ribeiro. Com a participação especial (em vídeo) de Nuno Casimiro, João Teixeira Lopes, José Pinto da Costa, Miguel Guedes, Alice Costa, Carolina Gomes, Raquel Carreira, Ana Azevedo, João Martins e José Carlos Gomes. Produção: Visões Úteis. Local e data de apresentação: Sala de reuniões do Hotel D. Fernando, Évora, 15 de Julho de 2010.

4. **Título: *Chegadas***. Autoria e dramaturgia: Teatro do Vestido. Direção: Joana Craveiro. Assistente de encenação: Lara Portela. Instalação: Gonçalo Alegria. Criação e interpretação: Gonçalo Alegria, Joana Craveiro, Rosinda Costa e Inês Rosado. Produção: Sandra Carneiro. Co-produção: Escrita na Paisagem. Apoio: REFER / CP, Comboios de Portugal; Sociedade Guilherme Cossoul. Residência artística: 15 a 28 de Agosto. Local e data de apresentação: Estação Ferroviária de Évora, 28 de Agosto de 2010.

5. **Título: *Cartas telegramas e postais***. Texto e direcção artística: Maria Gil. Interpretação: Maria Gil, Gisella Mendonza e Mónica FryCová. Produção: Teatro do Silêncio. Co-produção: ZDB e Teatro Aveirense. Apoio: REAL, Livraria Trama e Editora Elefante Azul Clarinho. Residência artística: 9 a 12 de Setembro, Arraiolos. Local e data de apresentação: Cine-Teatro de Arraiolos, 12 de Setembro de 2010.

6. **Título: *Memória de uma amnésia***. Curso ministrado por: Eric de Sarria e Nancy Ruzek, da Companhia Phillippe Genty. Local: Antiga Fábrica dos Leões, Universidade de Évora. Formandos e intérpretes: Ana Luzia Cavaco, André Pedro Roussel, Daniel Moutinho, Deniz Passos, Eleonora Marzani, Jeannine Nobre Trévidic, Luísa Gonçalves, Márcio Pereira, Miguel Sopas, Patrick Murys, Nuno Felipe Silvestre, Vanda Rodrigues, Sabahat Özgüler Vorontsova. Local e data de apresentação: Antiga Fábrica dos Leões, Universidade de Évora, 13 de Agosto de 2010.

Tendo como director artístico e de programação José Alberto Ferreira, o Festival Escrita na Paisagem conta com várias parcerias, nomeadamente do Departamento de Artes Cénicas da Universidade de Évora. Para a sua edição de 2010, o tema escolhido foi o *re:play* – as estratégias de re:petição, re:invenção e re:criação como motor da criação contemporânea. É nesse contexto que artistas convidados apresentaram entre Julho e Setembro projectos de teatro ou foram chamados a concretizar projectos de formação nessa área.

1. *À transparência*.

Uma das características da oferta de formação teatral implementada em 1996 na Universidade de Évora consistiu, ao longo das várias edições do curso, no convite regular dirigido a artistas chamados para assegurarem a

coordenação do projecto teatral dos alunos do 3º ano da Licenciatura em Teatro. No ano de 2010, foi a vez de Joana Craveiro, directora da companhia do Teatro do Vestido, que construiu com o grupo dos finalistas um espectáculo pautado pelas opções estéticas que tem vindo a seguir no seu percurso de criadora: presença acarinhada do texto, de autores de ficção ou não, ou pedaços discursivos inventados por quem os vai dizer; intensidade das imagens, das sonoridades e das vozes nas palavras ditas. Cruzando as potencialidades com as fragilidades dos seus jovens intérpretes, propôs-lhes um quadro criativo experimental, desafiando-os para a construção de um belíssimo objecto-espectáculo em torno do tema da edição de 2010 do Festival Escrita na Paisagem, tendo "como ponto de partida, a fotografia, o acto de fotografar, a memória, a prática autobiográfica no contexto performativo e o mapear da

>
Ópera dos cinco €,
 de Regina Guimarães,
 enc. Igor Gandra,
 Teatro de Ferro, 2010,
 fot. © Arquivo do Festival
 Escrita na Paisagem.



< >
A comissão,
 autoria e dir. de
 Ana Vitorino
 e Carlos Costa,
 Visões Úteis, 2010
 (< Ana Vitorino, Carlos
 Costa, Pedro Carreira;
 > Pedro Carreira),
 fot. © Arquivo do Festival
 Escrita na Paisagem.



cidade"¹. O universo secreto de cada um dos treze alunos, da sua relação comovente com o tempo e a memória, encontrou no percurso aberto para o espectador dentro de diversos espaços vazios da antiga fábrica dos Leões, sede do Departamento de Artes Cénicas, a intimidade necessária para fazer surgir esse duplo retrato, irrepitível porque fugaz, do actor enquanto jovem, ainda em busca de si próprio e do seu lugar para pertencer.

2. *Ópera dos cinco* €.

Hoje já é (re)conhecida a dimensão experimental da prática do artista marionetista Igor Gandra que, num campo ainda em construção no plano nacional, prossegue um trabalho de grande qualidade capaz de dar ao teatro de marionetas e objectos um rosto único, concretizado em linguagens diversas que convergem para criações inovadoras de natureza multidisciplinar. O público do Festival Escrita na Paisagem já teve a oportunidade de partilhar com o encenador e actor Igor Gandra, em 2009, na apresentação da bela e comovente obra para uma marioneta e um actor – significativamente intitulada *dura dita dura* –, a importância do não-apagamento da memória do passado. A peça parte de um texto de Regina Guimarães, autora que também assina a obra *Ópera dos cinco* €, estreada no Festival este

verão, com um texto e canções marcados por uma escrita poética, algo rebuscada, que se articulam em torno de um fio condutor parente das preocupações de natureza artística, mas também política, que acompanham o trabalho de Igor Gandra. Desta vez, as personagens são artistas saltimbancos, migrantes ou nómadas, propõem ao público que reúnem num dispositivo instalado numa praça, ao ar livre, "uma outra maneira de estarmos juntos". As citações entre aspas são retiradas do desdobrável publicado pelo Festival Escrita na Paisagem. Em moldes mais complexos na medida em que nele concorrem várias artes, o espectáculo é assegurado por três grupos que se associaram para "experimentar formas alternativas de produção e as suas relações com os processos criativos". Indispensável para o conjunto da proposta, a música é tratada numa versão de "ensaio de banda-de-garagem experimental" fazendo assim jus ao título subjacente a esta ópera *re:convertida* a partir da *Ópera dos três vinténs* de Brecht, numa versão de "ópera de arte total *low cost*". Mas também integra o circo, o teatro de marionetas, juntamente com artes visuais associadas ao teatro como a luz e os figurinos, aqui muito cuidados e com uma presença autónoma enquanto criações artísticas de grande justeza. O resultado é conseguido e prova com subtilidade que é

¹ In programa *Escrita na Paisagem*, 2010, p.7.



<
Chegadas,
 criação de Teatro do
 Vestido,
 dir. Joana Craveiro,
 Teatro do Vestido, 2010
 (Joana Craveiro, Inês
 Rosado e Rosinda Costa),
 fot. © Arquivo do Festival
 Escrita na Paisagem.

possível ao teatro mais empenhado na inovação formal prosseguir num caminho discursivo crítico, credível e eficaz. Acrescentando-se uma beleza particular que a noite eborense permitiu completar.

3. A comissão.

O espectáculo *A comissão* é interpretado com um humor brilhante, perfeitamente doseado, entre a sátira impiedosa e o absurdo enquanto fonte de cómico, por três actores talentosos, que manipulam imagens gastas de reuniões formatadas num modelo banalizado, protagonizadas por seres engravatados munidos de computadores e pastas de executivos, donos de uma linguagem tecnologicizada e trapaceira... Os protocolos das reuniões e os regimentos das assembleias, o atraso, o convidado que não vem, a cerimónia da leitura da acta, a apresentação começada em português e que derrapa para o inglês como se se tratasse de um desvario repentino, a votação falsificada graças a regras criadas *ad hoc* para obter o pretendido apesar de derrotado, todas essas figuras que o espectador não pode deixar de (re)conhecer, são citadas e tratadas ao longo do espectáculo como se fossem acções-rituais, passos obrigatórios de uma vida artificial, ficcionada por seres-marionetas de competência duvidosa. Nessa exposição progressiva do seu ridículo, o espectador não pode deixar de se sentir vingado de certos tigres de papel e do seu poder sem importância. O riso suscitado cumpre aqui uma função catártica e confirma-se como o instrumento crítico por excelência, legitimamente presente na tradição e na actualidade do teatro, porque apenas ele permite mostrar o verdadeiro rosto das relações humanas na nossa sociedade tão invadida e contaminada pela certeza das tecnologias... Assim, no final, o champanhe partilhado com o espectador (outro ritual imprescindível...) deixa uma nota desarmante e algo ambígua: não seremos todos nós cúmplices de tais ficções, como aquela que acabou de ser tão empenhadamente desmistificada no palco?

4. *Chegadas*.

A estação ferroviária de Évora, hoje fechada e destinada a ser demolida, foi o local escolhido por Joana Craveiro para estrear a sua última criação que, com o título *Chegadas*, representa mais uma etapa do projecto que desenvolve numa residência artística iniciada em 2009 no quadro do Festival Escrita na Paisagem. Partir, permanecer, chegar: são os verbos que fundamentam a pesquisa do Teatro do Vestido nos materiais essencialmente literários que dão corpo ao seu trabalho criativo. Mas é a partir de um confronto com o acto de "chegar" que construíram o espectáculo do presente ano. No espaço múltiplo de uma estação centenária, na entrada e na zona da bilheteira, no cais ou na plataforma entre as vias, ou no outro espaço indefinido situado antes e depois da paragem na estação, três actrizes, com roupas de viajantes, várias malas de viagem, uma bicicleta e, sobretudo, textos de ficcionistas, antropólogos ou viajantes, dizem palavras que documentam a experiência e o significado da chegada, a sensação ressentida e inscrita no corpo de quem descobre um lugar novo. Mas o maior segredo do espectáculo, e que faz da experiência um momento conseguido de comunicação teatral, está inscrito na relação subtil e muitas vezes divertida, feita da conjugação de uma proximidade familiar com uma vontade de surpreender, que as actrizes estabelecem com o espectador. E deste modo, no ambiente morno de uma noite de verão alentejano, no lusco-fusco de qualquer estação à noite, qualquer um dos presentes não pôde evitar o confronto com a complexidade dos sentimentos que envolveram todas as chegadas que já viveu e que (erradamente) julgava esquecidas.

5. *Cartas telegramas e postais*.

O Teatro do Silêncio é um colectivo transdisciplinar fundado em 2004. No contexto do Festival, recorreu a três actrizes, entre as quais a directora artística Maria Gil, para construir um espectáculo-performance que implica directamente os

<>

Cartas, telegramas e postais,
criação e dir. de Maria Gil,
Teatro do Silêncio, 2010
(Gisella Mendonza),
fot. © Arquivo do Festival
Escrita na Paisagem.



>

Memória de uma amnésia,
criação e dir. de
Eric de Sarria
e Nancy Rusek,
Cie. Philippe Genty, 2010
(Eleonora Marzani,
Jeannine Trévidic
e Sabahat Passos),
fot. © Arquivo do Festival
Escrita na Paisagem.



espectadores, guiando-os num misterioso percurso pela vila de Arraiolos, começado no hall do teatro cuja sala apenas atravessaram juntos para desaguarem na sombra de um pátio, e depois numa loja de tecidos e botões cuja dona (verdadeira) leu uma carta de Benjamin, de onde saíram de novo para a rua acabando por ouvir a última carta num pequeno jardim. Em cada momento e espaço, repetiu-se a mesma acção: a leitura de uma carta recebida por aquele que a lê, pedindo auxílio ou abrigo, enviada por um emissor perseguido, em perigo de vida. A carta enquanto objecto que vai rareando hoje reconquista neste espectáculo todo o seu valor íntimo e pessoal, a tal ponto que, no desfecho, cabe ao espectador passar também a integrar a proposta de espectáculo criada por Maria Gil a partir de cartas que recebeu efectivamente de remetentes anónimos, que convidou a escrever-lhe. É com uma carta de resposta que fechará dentro do sobrescrito que lhe foi entregue no início do espectáculo com uma esferográfica azul que, no final do percurso, o espectador passa para um universo em que constrói o seu próprio modo de existir enquanto ser capaz de construir a sua própria ficção.

6. Memória de uma amnésia.

Integrado na Escola de Verão do Festival Escrita na Paisagem, o espectáculo *Souvenir de uma amnésia* é também a designação do tema que lançou e estruturou o processo de trabalho técnico e criativo desenvolvido pelos

participantes desta primeira edição da oferta de cursos intensivos em teatro de marionetas organizada em colaboração com o Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora. Orientado pelos artistas Eric de Sarria e Nancy Ruzek, dois elementos da Companhia Phillippe Genty com experiência no campo da formação, o projecto foi construído tendo em conta as opções artísticas dessa companhia, hoje reconhecida como uma das mais importantes a nível mundial. A tipologia dos exercícios e das linguagens abordadas incidiu na problemática multidisciplinar do teatro de marionetas contemporâneo, que procura articular corpo e objecto, explorar matérias/materiais e sensações, pôr em diálogo o corpo e a memória para que o intérprete possa aprofundar um trabalho aturado sobre si próprio, enquanto ponto de partida para a construção de um objecto artístico centrado no apuramento das potencialidades da linguagem visual do teatro. Com textos surgindo de vez em quando, discretamente inseridos em cenas também carregadas de comicidade subtil, o espectáculo final, que pode ser considerado como uma aposta ganha tendo em conta o curto tempo de preparação, foi recebido pelos espectadores com uma atenção generosa, que só pode acontecer quando a autenticidade e a sinceridade do artista são expostas enquanto desafio para uma participação *outra*, mais comovida e menos racional, ou seja mais aberta para o sonho e o devaneio a que cada um tem direito.